

União Figueirense
 ORGÃO do CENTRO DEMOCRÁTICO
 D. AFFONSO COSTA
 Redactor — José Miguel F. David
 Propriedade da empresa União Figueirense

EDITOR — Manoel Henriques
 ASSINATURAS
 Portugal e colónias, ano 1820; Estrangeiro 2\$00
 Numero avulso, \$03; Anuncios, preço convencional
 Tiragem 1:000 exemplares
 Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

Sob a direcção das Comissões políticas do Partido Republicano Português
 O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

Defina-se a situação

Chegou o momento decisivo, em que todos nós temos o direito de perguntar em que lei vivemos e de exigir que nos digam para onde nos levam. A situação política atingiu o seu estado agudo. A hora que corre é singularmente critica, cheia de incertezas e dolorosas apreensões pelo que amanhã possa succeder, de tal modo os acontecimentos ainda os mais imprevisíveis se precipitam, como no decorrer duma fita que parece não ter fim. Está-se atravessando um período de verdadeira loucura, não se sabendo para onde caminharão nem para que tenebrosos destinos querem conduzir este desgraçado paiz. O que se vem fazendo é mais do que uma aventura, é uma obra de loucos. Devemos estar chegados ao ultimo acto da dolorosa tragedia que desde dezembro se vem desenrolando perante os nossos olhos, que espavoridos contemplam este estranho espectáculo.

Vamos em carreira vertiginosa para um terrível precipício, de que ninguém nos salvará, se a Providencia nos seus altos designios, não lançar um raio de luz neste tenebroso caminho. Estamos prestes a chegar ao fim desta aventureira jornada, para onde inconcebíveis e criminosas ambições nos arfarão. Aos nossos ouvidos são com estranha violencia o rugir da tempestade que se aproxima, ameaçando reduzir tudo a ruínas, se uma rajada de bom senso e de patriotismo não sacudir esta gente, que parece apostada em abreviar a atribulada existencia do regimen, que se debate numa crise angustiosa, da qual pode resultar a sua irremediavel liquidação. Um passo mais, e estaremos, sem salvação possível, precipitados no abismo que se abre a nossos pés.

Não é um sentimento de pessimismo que nos domina, nem o pouco de desalento quebrou a energia que nos transes mais difíceis sempre mantivemos intacta. Somos d'aquelle que encaram os acontecimentos de frente, fazendo-lhes face e arrostando com as suas possíveis dificuldades. É o exame reflectido e desapassionado dos factos que ha quatro mezes se vem succedendo neste malaventurado paiz que radica no nosso espirito a certeza de que esta situação não pode manter-se, sob pena de com ella cair a Republica e até de se afundar a nacionalidade.

Para se avaliar da razão com

que fazemos estas afirmações, é necessario olhar para essa aventura de dezembro e acompanhar, com a magua e tristeza que nos causam, os acontecimentos que se lhe seguiram.

Invocando, falsamente, para se justificarem perante a opinião publica, a necessidade de se acabar com uma pretendida ditadura parlamentar, os revolucionarios de 5 de dezembro, num momento em que o paiz carecia da união de todos os portugueses, quaesquer que fossem as suas crencas politicas, e da conjunção de todos os esforços e iniciativas para se honrarem os nossos compromissos internacionais, tomados em nome da nação, e para se resolverem os delicados e urgentes problemas de ordem interna, pizeram-se em armas e lançaram sob o fogo incessante e desordenado da metralha a população da capital, que sem segurança pelas suas vidas nem garantia pela sua propriedade, viveu dias de profunda ansiedade e angustia.

Se o governo, que legitimamente representava a nação, tivesse adoptado energicas medidas de defesa e resistido sem olhar ás consequências do prolongamento da lucta, as forças revolucionarias teriam necessariamente de capitular, ou o paiz inteiro seria ensanguentado pela guerra civil, que nos lançaria na mais formidavel anarquia.

Já o dissemos — e repetimo-lo hoje — sob este ponto de vista a revolução foi um verdadeiro crime de lesa-patria, porque a desordem duma luta prolongada corresponderia necessariamente o aniquilamento de todos os esforços e sacrificios feitos por causa da guerra, que nos estavam mostrando perante as nações aliadas e que eram a unica garantia do nosso futuro, que se vem jogando no gigantesco duelo travado nos campos da França.

Mas, coroada de exito essa aventura, caído o Poder nas mãos dos revolucionarios, estava naturalmente indicado que tudo se fizesse no sentido de se manter a ordem, condição indispensavel para se afastarem os perigos que pesam esmagadoramente sobre este desgraçado paiz.

Jamais se esquecerá o que foram os dias que se seguiram ao triunfo do movimento revolucionario.

Estabeleceu-se o regimen de terror, pondo-se a cidade a mercê de autenticos salteadores,

Invadiram-se domicilios, destruindo e roubando todos os valores encontrados; assaltaram-se escritorios de advogados, fazendo desaparecer papeis e processos importantes entregues á sua responsabilidade, o mesmo se fazendo ás redações de jornaes republicanos, onde tudo foi destruido e roubado.

A desordem que imperou desenfadadamente durante dias, dando logar a esses actos de revoltante vandalismo, correspondeu em todo o paiz uma feroz perseguição contra todos os republicanos em destaque no partido democratico. Efectuaram-se prisões a esmo, encheram-se as cadeias de prisioneiros, sem que sobre eles passasse a accusação de qualquer delicto, e durante semanas e mezes estiveram sob a mais rigorosa e impenetravel incomunicabilidade, como se fossem criminosos da ultima especie.

Ao mesmo tempo que assim procedia, o governo abria uma campanha de extermínio contra os partidos organizados da Republica, lançando para isso mão de todos os meios, ainda os mais violentos e aviltantes, sem se compadecer com os males que estava causando ao paiz.

Todos os dias os jornaes estampavam nas suas colunas fantásticas notas officiosas, levantando suspeições de toda a ordem e ntra alguns dos membros do governo deposito e outros homens publicos, com o fim evidente de lhes crear perante a opinião nacional uma atmosfera de desprestigio, e á custa d'essa ignominia organizar forças que lhe podessem garantir uma vida desatogada, para, em suma, formar clientela sua.

Os monarchicos, que — no seu dizer — foram a alma do movimento revolucionario, agarraram á occasião pelos cabelos e explodiram miseravelmente, sem honra nem pudor, essa infamante campanha da calunia, saltando a pés ambos sobre a dignidade e o caracter de republicanos honestos, que ao regimen haviam prestado os mais assinalados serviços, e que, por isso, a opinião publica justamente aprecia e calorosamente defende.

Para que essa campanha — a mais miseravel que neste paiz se tem visto — podesse produzir alguns efeitos, não se permitia que os accusados communicassem com o publico nem sequer articulassem uma palavra em sua defesa! Singular e revoltante situação! Não revoltante que não ha

ninguem de boa consciencia que não condene com todas as forças da sua alma a infamia de tais processos.

Esperou-se, que o governo convertesse em factos concretos, claros, iniludiveis, as suspensas que diariamente vem lançando a publico, e sobre eles fizesse uma prova insosfismavel e incontestavel, promovendo immediatamente o castigo severo dos delinquentes.

Era isto o que o paiz reclamava, em nome da honra do regimen, e ainda hoje o exigem aqueles que foram coloniosamente ultrajados.

O tempo passou, e o governo, que assim assumiu perante a opinião publica — supremo julgador d'essa estranha situação — responsabilidades indeclinaveis, manteve-se numa possibilidade absoluta, como se lhe fosse licito lançar impunemente sobre cidadãos honestos uma tal nota de desonra!

A medida que por semelhantes processos de si repelia todas as forças republicanas, proclamava aos quatro ventos, as virtudes da sua republica nova, com o estrodozoso acompanhamento da reconciliação da familia portuguesa!

Foi em nome d'essa pacificação que os do 27 d'abril resolveram propor ao governo que **«tornassem responsaveis por quaesquer atentados os individuos que estavam presos, usando para com eles de todo o rigor»**, e que mais tarde, em edição correcta e aumentada, a famosa **Junta de salvação publica** — que irrisão! — decretou o não menos famoso **«ultimatum»** a todos os democraticos, dando-lhes o prazo de quinze dias para **«renegarem o seu partido: sob pena de toda a ordem de atentados contra as suas vidas e propriedades»**.

Foi tambem em nome d'essa pacificação que um bando armado, de pistolas aperradas, assaltou a sede do jornal «Republica» — organo do partido evolucionista, que perante esta situação tem mantido uma nobilissima attitude, que põe em saliente relevo a grandeza de caracter e a inquebrantavel lealdade do honrado e velho republicano, dr. Antonio José d'Almeida.

E tambem em nome d'essa pacificação que o governo, á mistura com vadios criminosos de varia ordem, está deportando para a Africa, sem julgamento nem qualquer forma de processo, individuos, cujo unico crime é serem republicanos!

E o paiz assiste assombrado a este eterno carnaval, que faz rir e faz chorar.

Assim se vive hoje n'esta desventurada terra!

Ouve-se paralisar dizer que ainda estamos em Republica, mas a verdade é que os monarchicos são senhores absolutos da situação.

Nas suas mãos estão cargos civis e militares da mais alta responsabilidade e absoluta confiança do regimen, dominando ao mesmo tempo em quasi todas as corporações administrativas e dispondo, de facto, da vida politica da nação!

E' com os seus votos — exclusivamente com esses — que se vai eleger uma assembleia constituinte e o presidente da republica.

Não obstante, eles continuam a afirmar que **«não abdicam das suas ideias e que não querem confusões com as turbas republicanas»**...

Eles não escondem que o seu objectivo é a restauração monarchica, e que, se não tentam ja, é porque não querem participar nas responsabilidades da guerra!

Singular e extravagante situação!

Como sair d'ella?

O futuro o dirá!

Miguel Alexandre Alves Correia

Ecoss & Noticias

Recettos

Foi ordenada uma rigorosa busca ao cemiterio dos Prazeres, de Lisboa, pois dizia-se que ali havia grande quantidade de armamento, escondido. Porém nada se encontrou que podesse comprometer os que ali descenderam á sepultura a dormir o sono eterno. Ha quem diga que a referida busca teve toda a razão de ser, pois que a actual situação está de tal ordem que os proprios mortos, se podessem se levantariam para pegarem em armas. Realmente é assim.

O que ha?

Coimbra, a bela cidade do Mondego, está despertando a atenção de todo o paiz.

Diariamente chegam ali vagonz carregados de artilheria que imediatamente é postada nos altos da cidade como para se defender dum energico ataque dos... alimbés.

Como tal medida constitue segredo do Estado, nada podemos dizer.

Muito baixinho diz-se que o sr. Sidonio Paes vai ali formar o seu quartel general, quando abandonar a capital.

Será isto? Ou não?

Ainda chegaremos a mais?

Como já aqui noticiámos, foi nomeado professor interino da escola central desta vila, o cidadão Firmino Teixeira de Lemos, que ao mesmo tempo é funcionario do registro civil da posto da freguezia de Arega e presidente da comissao parochial da mesma freguezia.

A lei não permite que os funcionarios publicos saiam das localidades onde exercem as suas funções officias, mas este senhor que, por sinal é quasi analfabeto, é professor em Figueiró

